

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | n° 334 | vol. 20 | 2022

**Grupo Emaús.
48 anos de resistência e fé libertadora**

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia - (org.)

Volume I

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 334 | vol. 20 | 2022

GRUPO EMAÚS
48 anos de resistência e fé
libertadora

**Organizadores: Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro
e Tereza Pompeia**

VOLUME I



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 334 – V. 20 – 2022
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

APRESENTAÇÃO

Este primeiro volume dos Cadernos IHU Ideias que apresentamos compartilha memórias afetivas e caras, relatadas por pessoas que ajudaram a concretizar a caminhada do grupo de Emaús. Mais que um registro histórico, conseguem expressar juntas a riqueza de uma jornada fecunda e inspiradora, forjada no amálgama da resistência, da profecia e da fé libertadora.

O grupo de Emaús teve início no ano de 1974, quando Frei Betto, Frei Fernando de Brito e Ivo Lesbaupin - que acabavam de sair da prisão - decidiram formar um grupo capaz de “articular a reflexão teológica com o método marxista de análise da realidade”, nas palavras de Frei Betto. Isso porque, sem uma análise crítica da injusta situação da América Latina, a fé cristã não se faz boa nova para os pobres e sofredores, perde sua capacidade de fermentar a transformação das estruturas injustas da sociedade e tende a deixar atrofiar a intrínseca dimensão libertadora do Reino de Deus. Convidaram então Carlos Mesters, Leonardo Boff, e João Batista Libanio, para uma primeira reunião, que se realizou no Convento Madre Regina, em Petrópolis, e da qual participaram também, por uma única vez, Frei Eliseu Lopes e Frei Mateus Rocha.

Em uma época de violenta repressão, em plena ditadura, era importante que tal objetivo não ficasse explícito; mantinha-se um certo sigilo e o motivo oficial

da reunião seria escrever artigos de catequese para a Revista Vozes... “O grupo não tinha nome, nem devia ter. Alguns o chamavam de ‘grupo zero’, que não existia”, relata Carlos Mesters.

À reunião inicial seguiu-se uma segunda, no mesmo local; e já então se uniram ao grupo Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, Orestes Stragliotto e Antônio Cecchin, assim como Paulo Ayres e Jether Ramalho, garantindo a dimensão ecumênica. A partir de então, as reuniões passaram a se realizar duas vezes por ano. Outras pessoas foram sendo convidadas e se agregaram ao grupo; aos teólogos e pastoralistas - como José Oscar Beozzo, Marcelo Barros, Clodovis Boff, Manfredo de Oliveira, Benedito Ferraro, Faustino Teixeira - vieram somar-se cientistas sociais como Luiz Alberto Gomez de Souza e Luiz Eduardo Wanderley.

No início eram só homens, na sua maioria presbíteros e religiosos. Mas em 1976 (ou 1977?) entrou a primeira mulher, Maria José Rosado Nunes - a Zeca, como é conhecida. A ela se seguiram várias outras: Maria Clara Bingemer, Lucília Ramalho, Maria Helena Arrochellas, Lucia Ribeiro, Tereza Cavalcanti, Márcia Miranda, Mariangela Belfiore, Maria Teresa Bustamante.

Algumas vieram sós, outras vieram junto com seus companheiros: no caso dos casais, o grupo se abre também para receber os cônjuges. Assim, teólogas mulheres trouxeram os maridos: Ekke Bingemer e Teófilo Cavalcanti. Cientistas sociais e teólogos leigos vieram trazendo as mulheres. Algumas se integraram realmente, como membros do grupo, outras não.

Ao mesmo tempo, foram convidados e se integraram ao grupo outros evangélicos, como Milton e Rosi-

leny Schwantes, Julio e Violaine de Santa Ana, e, mais recentemente Edson Fernando, Claudio de Oliveira Ribeiro, Magali Cunha e Romi Bencke, garantindo maior abertura e concretização da dimensão ecumênica.

Na primeira etapa, havia uma grande coesão de pensamento e um certo consenso ideológico no grupo, embora, desde o início a diversidade de opiniões fosse respeitada. Entretanto, no início dos anos 90, o contexto social mudou: a crise do socialismo real e a derrota sandinista na Nicarágua, por um lado, e, por outro, um contexto eclesial mais fechado – “a volta à grande disciplina”, expressão consagrada na análise teológica de Libanio, ou a chegada do “inverno na Igreja”, nas palavras de Maria Clara, levaram a uma certa crise dos setores de esquerda, que se refletiu no grupo. Em 1993, em uma reunião em Juiz de Fora, por ocasião dos 50 anos de Pedro Ribeiro de Oliveira, este chegou a sugerir que o grupo terminasse, e vários o apoiaram. Outros, porém, reagiram, temendo perder um espaço precioso de reflexão, de troca de experiências e de convívio fraterno e lutaram pela sua “refundação”. Um ano depois, na reunião em Goiás-Go, celebrando o aniversário de Marcelo Barros, o grupo renascia, agora com o novo nome de “Grupo de Emaús”.

Desde então, a diversificação e a pluralidade se intensificaram, alimentando a reflexão e a troca de ideias e de experiências. Novas pessoas vieram se integrando, ao longo do tempo: Afonso Murad, Edward Guimarães, Alessandro Molon, Sinivaldo Tavares, Luiz Carlos Susin, Francisco Aquino Junior, Tereza Sartorio, Rosemary Costa, Celso Carias, Fernando Altemeyer, Leu Cruz, Sarah Telles e recentemente Cesar Kuzma, Chico Alencar, Chico Pinheiro, Lusmarina Garcia e

Maurício Abdala.

Houve também pessoas que participaram apenas de 1 ou 2 reuniões, mas não chegaram a fazer parte do grupo como Ivone Gebara, Zwinglio Dias, Rubem Alves e Frei Claudio von Ballen. Finalmente, alguns vieram como convidados, uma única vez: Herbet de Souza (Betinho), Boaventura de Souza Santos, Michael Löwy, Luiz Dulci, Gilberto Carvalho.

Para Leonardo Boff, o grupo “é uma comunidade de destino, onde prática, reflexão e oração estão ligadas”. O grupo não tem nenhuma relação oficial com qualquer instituição eclesial e não tem pretensão de poder nem na Igreja nem na política. “É um grupo de serviço à Igreja da Libertação”, define Pedro Ribeiro.

Ao longo dos anos, o grupo produziu frutos consistentes: assessorias às Comunidades Eclesiais de Base e a seus encontros nacionais, denominados intereclesiais; curso anual de atualização teológica para bispos da América Latina; criação do Movimento Fé e Política, do CESEEP (Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular), e do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), do Curso de Verão (em várias capitais, destinados a militantes de pastorais sociais, grupos de base e movimentos populares). O grupo incentivou também a edição da coleção “Teologia da Libertação”, pela editora Vozes, e alguns de seus membros deram assessoria às Campanhas da Fraternidade, promovidas anualmente pela CNBB e, algumas vezes, com o CONIC, assim como à realização dos Encontros de Espiritualidade para Jovens. O grupo mantém ainda um projeto de publicações de cartilhas: o primeiro número, sobre “Ideologia de gênero”, elaborado por Frei Betto, foi publicado em 2018.

O grupo alimenta uma reflexão coletiva, que se reflete nas diversas atividades de seus membros: assessorias, palestras, publicações, participação em outras organizações, como CEHILA, Teologia Feminista, ou o antigo grupo de Mulher e Teologia (ISER). Tem também um impacto nas igrejas cristãs. “Nas nossas andanças teológicas, o grupo Emaús está sempre presente, como referência, como apoio, como lugar de pertença”, afirma Maria Clara.

Além do cultivo da amizade e da cumplicidade, a dinâmica consagrada pelo grupo se concretiza através de reuniões que se realizam duas vezes por ano, em um fim de semana. O programa inclui troca de experiências – que chamamos “Cosa Nostra” – uma análise da conjuntura social e eclesial, um tema de estudo – cujo conteúdo varia muito – e, no domingo, a Celebração Eucarística, cuidadosamente preparada, em um clima de muita liberdade e participação de todos e todas. Além das refeições compartilhadas, há também tempo dedicado ao lazer e à convivência fratersororal.

No início o grupo se reunia em Petrópolis, mas algumas vezes se reuniu em outros lugares (São Paulo, Juiz de Fora, Goiás); ultimamente se divide entre Cordeiras (Casa Santo Inácio) e o convento Madre Regina, em Petrópolis.

Finalmente, não podemos esquecer os que partiram definitivamente: “O Grupo de Emaús tem parte na comunhão dos santos. Alguns atravessaram a tênue fímbria que separa o tempo da eternidade” lembra Leonardo. Assim, Orestes Stragliotto, Milton Schwantes, João Batista Libanio, Antônio Cecchin, Lucília Ramalho, Olinto Pegoraro, Fernando de Brito e Luiz Alberto Gómez de Souza continuam, de forma misteriosa, mas

muito real, presentes entre nós.

Apresentamos, a seguir, os testemunhos de alguns dos participantes do Grupo de Emaús. Estes possibilitam conhecer, através de perspectivas pessoais, a riqueza coletiva de uma caminhada que já ultrapassou o marco dos 40 anos de fé e coragem, resistência e luta, esperança e amizade fraterna.

Cada relato recupera uma memória própria, e, ao mesmo tempo, traduz as experiências e os questionamentos pessoais e coletivos. Neste sentido, pode-se dizer que as memórias do grupo Emaús são grávidas de vida e profecia. Desejamos que elas mobilizem e interpelem os leitores e as leitoras para a participação comprometida na construção diária de “outra sociedade possível” e, ao mesmo tempo, de “outra Igreja possível”.

Neste primeiro volume você encontrará os relatos da memória de:

1. Frei Betto e Ivo Lesbaupin
2. Leonardo Boff
3. Luiz Alberto Gómez de Souza
4. Pedro A. Ribeiro de Oliveira
5. Frei Carlos Mesters
6. Júlio de Santa Ana

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia
(Organizadores)

MEMBROS

Frei Betto, Ivo Lesbaupin, Leonardo Boff, João Batista Libanio (in memorian), Frei Carlos Mesters, Jether Ramanho (in memorian), Pedro Ribeiro de Oliveira, Marcelo Barros, Luiz Alberto Gómez de Souza (in memorian), Lúcia Ribeiro, Orestes Stragliotto (in memorian), Antônio Cecchin (in memorian), Maria Clara Bingemer, José Oscar Beozzo, Milton Schwantes (in memorian), Luiz Eduardo Wanderley, Mariangela Belfiore, Julio de Santa Ana, Violaine de Santa Ana, Olinto Pegoraro (in memorian), Ekke Bingemer, Benedito Ferraro, Faustino Teixeira, Claudio Ribeiro, Magali Cunha, Manfredo de Oliveira, Tereza Cavalcanti, Theófilo Cavalcanti, Maria Helena Arrochellas, Márcia Miranda, Fernando Altemayer, Afonso Murad, Edward Guimarães, Andréa Guimarães, Edson Fernando, Alessandro Molon, Celso Carias, Aurelina Cruz (Leu), Tereza Sartorio, Rosemary Fernandes, Rose Schwantes, Maria Teresa Bustamante, Sinivaldo Tavares, Francisco Aquino Júnior, Luiz Carlos Susin, Chico Alencar, Sarah Telles, Romi Bencke, Cesar Kuzma, Chico Pinheiro, Lusmarina Garcia, Maurício Abdala, dentre outros.

Primórdios do Grupo Emaús

Frei Betto

Doutor Honoris Causa em Filosofia e membro do Conselho
Consultivo da Comissão Justiça e Paz de São Paulo

Ivo Lesbaupin

Doutor em Sociologia e professor na Universidade
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Foi na Penitenciária Regional de Presidente Venceslau (São Paulo), em 1973, que Fernando de Brito e nós dois (Ivo Lesbaupin e Frei Betto) tivemos a ideia de criar o grupo hoje conhecido pelo nome de Emaús.

O nome do grupo deriva do episódio evangélico (Lucas 24, 13-35) no qual Jesus ressuscitado, a caminho do povoado chamado Emaús, encontra dois discípulos abatidos por ele ter sido crucificado sem que suas promessas se cumprissem. Sem se darem conta de que estão acompanhados pelo próprio Jesus, ouvem o que este diz e, enfim, abrem os olhos da fé e, no jantar em Emaús, reconhecem, ao partilharem o pão, a pre-

sença viva daquele que fora crucificado.

Nós três, presos políticos, estávamos encarcerados desde 1969. A militância na Ação Católica nos levou a ingressar na Ordem Dominicana. Nosso cristianismo, de forte índole social, nutria-se da filosofia de Jacques Maritain e Emmanuel Mounier; da sociologia do Padre Lebrete; da teologia de Congar, Chenu, Schillebeeckx; da cosmovisão de Teilhard de Chardin; e da espiritualidade de Merton, Charles de Foucauld, e do movimento dos padres operários da França.

A militância estudantil, reprimida pela ditadura militar implantada no Brasil desde 1964, nos levou à militância revolucionária. Um grupo de jovens frades dominicanos, a maioria estudantes, se vinculou à Ação Libertadora Nacional (ALN) comandada por Carlos Marighella. Atuávamos como setor de apoio, sem jamais empunharmos armas.

Presos em novembro de 1969, convivemos na prisão com militantes comunistas. O estudo do marxismo e de suas várias vertentes se tornou imperativo. Soa hoje irônico constatar que uma das obras mais utilizadas no cárcere para nos aprofundar na teoria marxista foi *O pensamento de Karl Marx*, em especial o primeiro volume (a obra editada em Portugal tinha dois volumes), de autoria do jesuíta francês Jean-Yves Calvez.

De dentro do cárcere seguíamos com muito interesse as mudanças ocorridas na Igreja Católica do Brasil. A CNBB, que havia apoiado o golpe militar, se distanciava da ditadura e assumia uma postura crítica, e até mesmo profética, de denúncia das violações dos direitos humanos. As Comunidades Eclesiais de Base

(CEBs) se multiplicavam pelo Brasil, animadas pelos Círculos Bíblicos. Dom Pedro Casaldáliga, no Araguaia, lançou, em 1971, a carta pastoral *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*, enquanto enfrentava os invasores da região e era alvo de perseguição e ameaças de morte. Em 1973, saíram três documentos significativos, considerados subversivos pelas autoridades militares: um grupo de bispos do Nordeste divulgou *Ouvi os clamores do meu povo*; um grupo de bispos do Centro-Oeste lançou *Marginalização de um povo: o grito das Igrejas*; e um grupo de missionários e bispos publicou *Y-Juca-Pirama: o índio, aquele que deve morrer*.

Chegavam às nossas celas escritos de Carlos Mesters e Leonardo Boff, João Batista Libanio e José Comblin. A teologia da libertação despontava na América Latina. Leonardo Boff havia lançado, em 1972, no Brasil, seu *Jesus Cristo libertador*, e Gustavo Gutiérrez, no Peru, *Teologia da Libertação* (1971), dedicado ao padre Henrique Pereira Neto, assessor de Dom Helder Câmara, assassinado no Recife pela ditadura. Na prisão, lemos com avidez a primeira edição deste livro.

Prestes a deixar o cárcere em fins de 1973, nós três tínhamos tomado uma arriscada decisão: após cumprir a pena de 4 anos a que fomos condenados em primeira instância, haveríamos de permanecer no Brasil. Malgrado as pressões de nossas famílias, de nossos confrades, e do próprio regime militar para que saíssemos do país.

A prisão, ao contrário de nos intimidar, havia infundido em nós a disposição de prosseguir na luta pelo fim da ditadura e a implantação do socialismo no Brasil. A conjuntura havia mudado para melhor:

agora, nos primórdios da década de 1970, não atuavam na resistência ao regime militar apenas organizações e partidos clandestinos de esquerda. Novos atores sociais e políticos despontavam, como as Comunidades Eclesiais de Base, a própria CNBB, e nasciam embriões de movimentos sociais e de Oposições Sindicais.

Em todo aquele processo, a Igreja Católica desempenhava relevante papel de respaldar a defesa dos direitos humanos, apoiar as vítimas da ditadura, incentivar as CEBs, abrir espaços às articulações dos movimentos sociais.

Nós três percebemos ser necessário dar organicidade à reflexão teológica e pastoral que emanava das CEBs e da leitura popular da Bíblia. Era imprescindível reunir teólogos e assessores pastorais para que atuassem em sintonia e articulassem a reflexão teológica com o método marxista de análise da realidade, na linha do que fez Santo Tomás de Aquino com a filosofia pagã de Aristóteles.

Nossa proposta era aglutinar teólogos e assessores de Comunidades Eclesiais de Base em um grupo capaz de dar consistência metodológica à teologia da libertação (que encara a fé pela ótica dos pobres) e criar ferramentas para difundi-la. Sociólogos(as), educadores(as), filósofos(as) e militantes de pastorais populares se incorporaram ao grupo.

Reunimos aqueles que despontavam como “intelectuais orgânicos” desse novo processo eclesial e envolvidos na caminhada da Igreja da Libertação. Os primeiros que pensamos convidar foram Leonardo Boff, Carlos Mesters e João Batista Libânio.

Leonardo Boff e Ivo Lesbaupin viviam em Petrópolis e ali, a partir de 1974, se tornou o lugar habitual de nossos encontros. Desde o início se combinou que o grupo não se daria a conhecer fora do círculo de seus membros, embora não houvesse o propósito de mantê-lo clandestino. O estudo do marxismo e sua relação com as categorias teológicas foram a nossa primeira tarefa.

Em mais de 40 anos, o que une o Grupo Emaús é a fé cristã, o serviço à fé dos mais pobres e o amor à Igreja. Temos opiniões políticas distintas, e não somos uma “academia teológica”, e todos mantemos vínculos com comunidades cristãs populares e movimentos sociais.

Entre nós há quem trabalha com catadores de material reciclável, comunidades de favelas, jovens, direitos humanos, proteção ambiental, grupos de oração, grupos de estudos bíblicos e assessorias internacionais em âmbito pastoral, ecumênico, e de diálogo entre fé e ciência, religião e Estado.

Nossa produção literária é profícua. Destaco os que mais publicam: Leonardo Boff, Magali Cunha, Marcelo Barros, Maria Clara Bingemer, José Oscar Beozzo, Tereza Cavalcanti, Luiz Alberto Gómez de Souza, Lúcia Ribeiro e Carlos Mesters. Há pouco, perdemos dois companheiros que deixaram obras substanciais: Milton Schwantes e João Batista Libanio.

O resto da história outros companheiros e companheiras na caminhada de Emaús completam neste livro.



Frei Betto. Autor de 70 livros, editados no Brasil e no exterior, Frei Betto nasceu em Belo Horizonte (MG). Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou em 1982 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por seu livro de memórias *Batismo de Sangue* (Rocco).

Em 1982, foi eleito Intelectual do Ano pelos escritores filiados à União Brasileira de Escritores, que lhe deram o Prêmio Juca Pato por sua obra *Fidel e a religião*. Seu livro *A noite em que Jesus nasceu* (Editora Vozes) ganhou o prêmio de “Melhor Obra Infanto-Juvenil” de 1998, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Em 2005, o júri da Câmara Brasileira do Livro premiou-o mais uma vez, agora na categoria *Crônicas e Contos*, pela obra *Típicos Tipos – perfis literários* (Editora A Girafa). Em 2011, seu romance policial *Hotel Brasil* (Rocco) ficou entre as dez obras finalistas do Prêmio Jabuti, no quinto lugar.

Em 2012, seu romance *Minas do Ouro* (Rocco) ficou entre os finalistas do Prêmio Portugal Telecom. Ainda na área cultural, foi assistente de direção de José Celso Martinez Corrêa no Teatro Oficina, na primeira montagem da peça de Oswald de Andrade, “O rei da vela” e crítico de teatro do jornal *Folha da Tarde* (1967/1968). Foi coordenador da ANAMPOS (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais),

participou da fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da CMP (Central de Movimentos Populares). Prestou assessoria à Pastoral Operária do ABC (São Paulo), ao Instituto Cidadania (São Paulo) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Foi também consultor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em 2003 e 2004 atuou como Assessor Especial do Presidente da República e coordenador de Mobilização Social do Programa Fome Zero.

Desde 2007 é membro do Conselho Consultivo da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. É sócio fundador do Programa Todos pela Educação. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Filosofia, concedido pela Universidade de Havana, em outubro de 2015.



Ivo Lesbaupin. Professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Graduado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, é mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ e doutor em Sociologia pela Université de Toulouse-Le-Mirail, da França.

É autor e organizador de diversos livros, entre os quais Igreja: comunidade e massa (São Paulo: Paulinas, 1996); e O desmonte da nação: balanço do governo FHC (Petrópolis: Vozes, 1999; “O Desmonte da nação em dados” (com Adhemar Mineiro, 2002); “Uma análise do Governo Lula (2003-2010): de como servir aos ricos sem deixar de atender aos pobres” (2010).

Grupo de Emaús: formamos uma comunidade de destino

Leonardo Boff

Doutor Honoris Causa em Teologia pela Universidade de Lund - Suécia e Doutor Honoris Causa em Política pela Universidade de Turim - Itália

Sou de memória fraca. Por isso toda memória sempre contém algo de inventado. Espero não me ter excedido.

O Grupo Emaús, para mim, antes de tudo, formou uma comunidade de destino. Começamos longe lá atrás com pessoas cúmplices de uma causa, com semelhante engajamento, portadores de um secreto sonho de que as coisas podiam ser melhores e diferentes, na igreja e na sociedade.

Havia sempre muito entusiasmo e, mais que tudo, confiança um no outro. Isso nunca esmoreceu. Antes, foi crescendo. Por isso digo que formamos uma comunidade de destino: de ideias, de sonhos, de práticas e

de uma certa mística pessoal.

O que marcou e marca o Grupo Emaús é essa continuada e nunca rompida ligação entre prática, reflexão e oração.

No começo, nos inícios dos anos 70 do século passado, quando ainda éramos jovens teólogos (no meu caso) os encontros eram marcados por uma renovação de ideias que vinha dos centros metropolitanos de pensamento. A gente vinha com uma bagagem rica. Mas a preocupação não era repetir e difundir o que havíamos aprendido. Era encontrar raízes na nossa realidade.

Lembro-me o assombro que foi quando fiz uma fala sobre os sacramentos, mostrando o seu enraizamento nos nós existenciais da vida, lugares privilegiados onde irrompe a graça divina. Nada de sacramentos instituídos por Cristo. Mas sacramentos que a própria vida fundou, ou que o Criador colocou nos eixos fundamentais de nossa vida. Mais tarde, a Igreja, com uma sabedoria intuitiva, oficializou. Para muitos, foi algo inédito, se bem me lembro, e que abriu uma visão sacramental-mística da vida humana.

Nas celebrações feitas fora, na natureza, já inseríamos antes de sermos ecológicos, os elementos naturais, energias que vinham da Terra e do ambiente. E celebrávamos aí a força do *Spiritus Creator*.

Creio que para todos (ao menos para mim) o Grupo de Emaús representou uma escola. Eu vinha imbuído da filosofia de Martin Heidegger, que me fazia mergulhar totalmente na ontologia da existência do mestre da Floresta Negra. Mas a realidade me obrigava a fazer outras leituras mais aderentes à nossa realidade com categorias da tradição crítica, seja de Marx, da Escola

de Frankfurt e de Gramsci. Devolveu-me o sentido conflitivo e difícil da luta pela liberdade e pela libertação, especialmente, quando todos devíamos driblar a vigilância dos órgãos de controle e repressão dos militares.

Creio que cabe tributar ao frei Betto, ao Ivo, ao Frei Fernando e aos demais dominicanos presentes, esse enraizamento na realidade nossa, popular, oprimida, buscando caminhos de aproximação cada vez maior com as populações oprimidas.

O bom era a articulação dos vários saberes, pois cada um vinha de um determinado ramo de ciência. Mais no princípio que depois, fazíamos verdadeiras tertúlias de argumentos e contra-argumentos. Íamos afinando uma perspectiva que acabou sendo patrimônio comum do Grupo: arrancar sempre do real, a inserção pessoal nele (a “cosa nostra”), o tipo de reflexão que fazíamos de viés analítico-crítico e por fim suas implicações teológicas, eclesiais e espirituais.

Desde o começo éramos ecumênicos. Creio que Rubem Alves esteve conosco desde os primeiros encontros, e o patriarca bíblico Jether Ramalho com a sua doce Lucília. Quando penso nos dois, reporto-me ao mito grego de Baucis e Filemon, o casal que hospedou em sua choupana os deuses Júpiter e Hermes, disfarçados de miseráveis; depois de terem sido acolhidos, terem-lhe lavado os pés, dado de comer e oferecido a própria cama, revelaram-se com o esplendor da Divindade. A choupana virou um templo, e o casal, os servidores dos peregrinos que acorriam a rezar naquele lugar. E pediram às duas divindades que, quando chegasse a hora, pudessem morrer juntos. E as duas divindades anuíram. Num belo dia, Baucis,

chegando ao termo de sua vida, viu Filemon como um carvalho se cobria de folhas. E Filemon percebeu também que Baucis se enchia de verde como uma figueira. Sem poderem se despedir, ambos morreram juntos. E lá no alto os ramos se entrelaçaram como expressão de um amor que não se desfaz com a morte. Ainda hoje quem passar por lá encontrará as duas árvores entrelaçadas. No meu livro sobre a Hospitalidade, conto e explico em detalhes este mito, talvez um dos mais belos da cultura helênica. Jether e Lucília nos reportam a esta sabedoria ancestral.

Enfim, éramos gente séria, que tomava muito a sério a nossa função de intelectuais orgânicos junto às bases, procurando uma síntese que, na verdade, nunca conseguiu se fechar, devido à mutação acelerada dos tempos. Mas fomos responsáveis, no sentido filológico do termo: procurávamos dar uma resposta à proposta que se nos impunha.

Houve uma época de vacilação quando muitos de nós tendíamos por terminar com o encontro. Lembro que foi o sentido de história e de sabedoria de José Oscar Beozzo a nos convencer, pesaroso, de que não devíamos abandonar uma acumulação de vida, de saberes, de experiências e de amizades construídas em tantos anos de convivência. Nem sempre o destino é tão generoso ao nos propiciar oportunidades como esta, com tanta riqueza pessoal e coletivo. Ela não podia se perder. A árvore que dera tantos frutos não merecia morrer por inanição. Levantamo-nos. Novos membros entraram, trazendo sangue novo, diria, olhares novos sobre a realidade.

Significou um passo importante a entrada das mulheres em nosso grupo. Elas nunca falam sem antes te-

rem molhado as raízes no concreto da vida, enquanto nós homens, não raro, partimos do etéreo das interpretações da realidade. Elas nos devolvem a concretude do real, o sentido da medida que não anula a crítica, mas lhe dá o seu lugar no todo do processo histórico. Elas nos tornaram mais doces e limaram as arestas que sempre carregamos, herdeiros que somos de uma secular cultura patriarcal.

Hoje mais do que antigamente, vejo que os novos membros, homens e mulheres, são de outra geração, têm outro discurso e outro olhar sobre a realidade. A linguagem é outra e os interesses vão para além daqueles que tínhamos inicialmente. Sentimos que nós, os primeiros, estamos passando. Às vezes o passado nos pesa sobre os ombros e também nos enquadra. Mas percebo também a verdade que repito a professores/as a quem falo com frequência: importante é saber; mas mais importante, entretanto, é nunca perder a capacidade de aprender. Creio que nosso Grupo nos ofereceu e oferece um exemplo deste esforço de juvenilização permanente.

Nos últimos anos, tenho feito um esforço grande para levar ao grupo o paradigma ecológico que excede o simples ambientalismo. Mais que uma técnica de gerenciamento de bens e serviços escassos, é uma arte, uma nova forma de habitar a Casa Comum e dar-se conta da realidade como emergência de uma Energia de Fundo, misteriosa e amorosa, que continuamente nos sustenta e faz o universo prosseguir o seu caminho sem, no fundo, saber qual seja. Espero que seja a irrupção do Ponto Ômega do qual se referia Teilhard de Chardin, ou, como nós teólogos preferimos, um mergulho para dentro no Reino da Trindade. O que é essa

Energia, Fonte de todos os seres, foge aos domínios da razão analítica, mas é intuída desde sempre pela razão cordial como sendo o Criador ou o *Spiritus Creator* permeando, empurrando, atraindo a totalidade das coisas e o inteiro universo do qual somos a parte consciente, pensante e amante.

Dou-me conta de que não é fácil pensar a partir de outra percepção da realidade e incorporar conhecimentos e categorias que não cabiam em nossa formação clássica. Mas estou convencido de que devemos realizar este ponto de mutação que, a meu ver, torna mais viva e atraente a tarefa teológica e nos ajuda a inserir todos os fenômenos num Todo que nos desborda por todos os lados. Todos, de um jeito ou de outro, sentem que é por aí que devemos orientar nosso trabalho.

O Grupo de Emaús tem parte na comunhão dos santos. Alguns atravessaram a tênue fímbria que separa o tempo da eternidade. Aí estão o Orestes Straglioto, o Milton Schwantes e, ultimamente, João Batista Libanio, que com *grazzie* coordenava o grupo e garantia, por sua fidelidade, a coesão desta comunidade de destino.

No entardecer de minha peregrinação, percebo que há muita vida ainda no Grupo de Emaús. Podemos proferir o nosso “*nunc dimitis, Domine*”, mas ele continuará cumprindo uma missão cujo último sentido talvez nos escape, mas que seguramente está amparado por Aquele que conhece os caminhos da história, também os nossos e os destinos de cada um de nós, inclusive o significado para a Igreja e para sociedade da existência e permanência deste Grupo de Emaús. A Ele a última palavra.



Leonardo Boff. Nasceu em Concórdia, Santa Catarina, em 14 de dezembro de 1938. É neto de imigrantes italianos da região do Veneto, vindos para o Rio Grande do Sul no final do século XIX.

Fez seus estudos primários e secundários em Concórdia, Rio Negro, no Paraná e Agudos, São Paulo. Coursou Filosofia em Curitiba-PR e Teologia em Petrópolis-RJ. Doutorou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique, na Alemanha, em 1970. Ingressou na Ordem dos Frades Menores, franciscanos, em 1959. Durante 22 anos, foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica em Petrópolis, no Instituto Teológico Franciscano.

Professor de Teologia e Espiritualidade em vários centros de estudo e universidades no Brasil e no exterior, além de professor visitante nas universidades de Lisboa (Portugal), Salamanca (Espanha), Harvard (EUA), Basel (Suíça) e Heidelberg (Alemanha). Esteve presente nos inícios da reflexão que procura articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso promissor da fé cristã gênese da conhecida Teologia da Libertação.

É doutor honoris causa em Política pela Universidade de Turim (Itália) e em Teologia pela Universidade de Lund (Suécia), tendo ainda sido agraciado com vários prêmios no Brasil e no exterior por causa de sua luta em favor dos fracos, dos oprimidos e marginalizados e dos Direitos Humanos.

Em 1984, em razão de suas teses ligadas à Teologia da Libertação, apresentadas no livro “Igreja: Carisma e Poder”, foi submetido a um processo pela Sagrada Congregação para a Defesa da Fé, ex-Santo Ofício, no Vaticano. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções editoriais e de magistério no campo religioso. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, a pena foi suspensa em 1986, podendo retomar algumas de suas atividades.

Algumas de suas publicações: O Evangelho do Cristo cósmico. A busca da unidade do Todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008; Ecclesio-gênese: a reinvenção da Igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008; Meditação da Luz - O caminho da simplicidade. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009; Saber cuidar. Petrópolis: Vozes, 2011.

Emaús, fonte de reabastecimento

Luiz Alberto Gómez de Souza

Doutor em Sociologia e Doutor Honoris Causa em Teologia
pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia -
FAJE de Belo Horizonte

Depois de um pouco mais de doze anos no exterior, voltei ao Brasil em 1977. No ano seguinte, fui convidado para participar de um grupo que se reunia em Petrópolis duas vezes ao ano a partir de 1974, no convento Madre Regina, considerado de fora como uma reunião de teólogos, ainda que tivesse também cientistas sociais. Conhecia praticamente todos os participantes, pois fomos companheiros em muitas atividades.

Eu fora membro da equipe nacional da JUC e da JEC internacional entre 1956 e 1961. Ao voltar pela primeira vez ao Brasil, em 1962, fui convidado pelo Betinho para participar de um movimento político em formação. Depois de uma reunião em Belo Horizonte, de onde saí membro de uma coordenação nacional,

preparamos um encontro em Salvador, no carnaval de 1963, quando enfim nasceu a Ação Popular. Ao mesmo tempo, escrevi um livro em colaboração, sobre o que seria o Concílio que começava. Com Betinho, publicamos “Cristianismo hoje”, com vários autores. Integrei-me em toda uma reflexão a partir da categoria de “consciência histórica”, desenvolvida pelo filósofo jesuíta Henrique C. de Lima Vaz. Em 1962, fui expositor no Primeiro Encontro Nacional de coordenadores do Movimento de Educação de Base, no Recife, sobre “a educação na perspectiva da consciência histórica no Brasil de hoje”. No ano de 1963, ao mesmo tempo em que assessorava D. Hélder Câmara, na sua atividade no intervalo entre as duas primeiras sessões do Vaticano II, participava do desenvolvimento da Ação Popular e, como assessor do ministro da Educação Paulo de Tarso, organizei com outros colegas, em Recife, em setembro, um Encontro Nacional de Educação e de Cultura Popular. Foram tempos de grande atividade nas áreas política e eclesial. O golpe de 1964 interromperia esse trabalho no Brasil.

D. Hélder e Ivan Illich, terminado o Concílio, pensavam num futuro Vaticano III que desenvolvesse temas quase intocados, como a Igreja dos pobres. Ivan reunia em Cuernavaca uma equipe internacional. Fui convidado a ir para lá, com Lucia e filhos, trabalhando no Centro Intercultural de Documentação. Depois de um ano, parti para o Chile, para fazer um mestrado em ciência política e, logo depois, em 1969, entrava para a Comissão Econômica da América Latina. Durante esse tempo de trabalho num organismo internacional, não perdi contato com o movimento eclesial, especialmente através do Secretariado estudantil Pax Romana-JECI em Montevidéu. Participei de seminários e principal-

mente, em 1967, de um encontro de pastoral universitária e sobre a missão da Universidade, em Buga, na Colômbia, onde tratei do tema de uma educação libertadora. Era a preparação de Medellín. Não fui a Medellín, mas estive presente, em 1969 e 1970, nos CICOP Meetings, em Nova York e em Washington, num diálogo das Igrejas latino-americanas com as dos Estados Unidos. Depois do golpe no Chile, fui para a CEPAL do México e tive estreitos contatos com o Secretariado de Ação Social da Igreja Católica. Um momento importante foi a presença num Encontro Internacional de Teologia no México, em 1975, quando conheci Leonardo Boff. Ao voltar ao Brasil em 1977, trazia assim toda uma experiência eclesial, social e política (trabalhara no Chile, na Bolívia, na América Central e em Cuba como funcionário das Nações Unidas).

Com isso, minha integração num grupo que tratava de temas eclesiais e políticos foi natural. Guardo como lembrança maior, em minha primeira participação do grupo de Petrópolis, a exposição de Carlos Mesters, que traduzia aos poucos o texto de Isaías sobre o servo sofredor, escrito e reescrito, depois de compartilhá-lo com setores populares e com a influência do Padre Alfredinho, de Crateús.

Nesse tempo, por convite do Padre Lima Vaz, passei a fazer parte do Centro João XXIII que, com seu serviço IBRADES, assessorava o trabalho pastoral. Tínhamos cursos longos no Rio e cursos breves pelo Brasil afora. Subi ao Acre, desci o Araguaia, acompanhei a Pastoral da Juventude, no Sul, estive presente em reuniões do CIMI e da CPT. Os encontros do grupo de Petrópolis eram ocasião de trocar experiências sobre as práticas eclesiais e sociais. Em vários dos cursos

breves, fiz dobradinha com o saudoso Padre Libânio, quando eu me aventurava em sua área teológica e ele me ajudava a organizar um marco teórico sobre a realidade nacional, com categorias de Antonio Gramsci. Aliás, meu tempo no exterior serviu para conhecer melhor o pensamento de Gramsci e de Rosa Luxemburgo. Escrevi um texto sobre o intelectual orgânico e outro sobre o debate Rosa-Lênin em relação ao partido.

Como parte do grupo de Petrópolis, participei como assessor, “do lado de fora”, do Encontro Episcopal de Puebla, em 1979. Ali encontrei D. Oscar Romero e lembro que ele me pediu para refletir sobre o marxismo, do qual era acusado sem conhecê-lo bem. Lemos juntos um texto que publiquei na REB, “Notas sobre uma análise marxista”, onde eu elencava suas virtualidades e limites. Em 1980, por ocasião da visita de João Paulo II, reuni material para um livro, “O povo e o Papa”, em que a ordem dos termos não era casual.

Passei a acompanhar as CEBs a partir do IV encontro em Itaici (1981), depois em Trindade (1986), Duque de Caxias (1989), Santa Maria (1992), São Luís (1997), e Ilhéus (2000). Nesse ano, diante do pessimismo de alguns, para os quais as CEBs se esvaziavam, escrevi um texto para a REB, “As CEBs vão bem, obrigado”. Os encontros de Petrópolis eram a ocasião de preparar nosso trabalho de assessores nos inteleclesiais, nas pastorais sociais e nos movimentos sociais. Participei de quatro encontros organizados pelo IBRADES com militantes do MST.

Interrompi essas atividades em 1982, quando fui convidado para ser Chefe do Escritório da América Latina da FAO, em Roma, onde permaneci até 1985. Nesse tempo, dei cursos em Verona sobre a realidade

latino-americana para voluntários que se preparavam para vir à América Latina. Fiz uma assessoria ao Movimento Laici per l'America Latina (MLAL). Tive a ocasião, então, de perceber como nós, na América Latina, tínhamos pouca informação sobre a crise do socialismo real e uma visão nem sempre crítica da guerra-fria. Alguns companheiros tinham viajado ao leste europeu, convidados pela Igreja Ortodoxa Russa e fizeram várias viagens a Cuba, a convite do governo. Eu estivera em Cuba para um estudo da CEPAL sobre as políticas sociais no país. Ao lado de grandes avanços na saúde e na educação, pude entrar em contato com uma máquina burocrática pesada, com funcionários que tinham feito sua formação nos países do leste. Minha posição nem sempre coincidia com outras análises. Claro que o pluralismo de visões e opiniões é sempre enriquecedor, mas nem sempre fácil.

Ao voltar, com Lucia e outros companheiros, tivemos ocasião de realizar um intercâmbio com os cristãos da Polônia. Ali chegamos em agosto de 1989, no momento em que caiu o governo comunista e Solidarność aparecia como a grande força política. Chegaria ao governo duas semanas depois. Nos meses seguintes, foi a queda, em série, dos países do leste e do muro de Berlim e, dois anos depois, o fim da União Soviética. Em 1991, Lucia e eu viajamos a Berlim e Praga, depois da grande transformação política. Não só havia uma mudança na realidade, mas o marco teórico marxista era posto em questão. Já um pouco antes, ao voltar ao Brasil, em 1985, escrevi um documento que serviu para introduzir um Encontro Internacional: “A caminhada da América Latina rumo à democracia e à libertação”. Meu texto: “Por que redescobrir Emmanuel Mounier, Padre Lebreton e Teilhard de Chardin”. Voltávamos a

autores que tinham sido centrais em nossos tempos da primeira Ação Popular. O marco teórico se ampliava e se questionava.

Isso levou a uma certa crise das esquerdas e mesmo de setores da pastoral libertadora. Desaparecia o possível (e empobrecedor) quadro de uma posição “politicamente correta”. Nos cursos, não tínhamos que levar marcos rígidos, mas pontos de vista críticos e questionadores.

O grupo de Petrópolis atravessou uma crise relativamente curta. Em 1993, em uma reunião em Juiz de Fora, por ocasião dos 50 anos de Pedro Ribeiro de Oliveira, parecia que o grupo ia desaparecer ou encurtar-se numa equipe mais uniforme. Confesso que cheguei a sentir-me meio excluído. Mas um ano depois, em novembro de 1994, o grupo voltou a se reunir para festejar os 50 anos de Marcelo Barros, no Mosteiro de Goiás, e retomou com vigor. Tomou então o nome de Grupo Emaús. Dali em diante seguiu crescendo num compromisso eclesial e político em que, dentro de uma unidade de orientações libertadoras, tinha dentro dele um pluralismo enriquecedor. Não trazíamos uma ideologia feita para transmitir nos cursos e assessorias, mas grandes linhas de reflexão e de ação, abertas à criatividade. Não se tratava de renunciar à opção por um socialismo, mas este se distinguia do socialismo autoritário que ruía e trazia consigo uma tarefa de repensar categorias e orientações das práticas das esquerdas.

Creio que isso deu ao grupo uma grande riqueza nas análises e nos projetos de ação. Também coincidiu, mais adiante, com a chegada de Lula à presidência: era uma nova problemática política que surgia. Convidamos para estar conosco, em alguns momentos, compa-

nheiros ligados ao governo, como Luís Dulci e Gilberto Carvalho e um pensador agudo como Boaventura Souza dos Santos.

Além disso, e principalmente, nesses anos o grupo foi se enriquecendo com a presença feminina crescente e de membros jovens. Minha companheira, Lucia Ribeiro, passou a fazer parte do grupo e introduziu temas como gênero e sexualidade. A reflexão sobre ecologia ampliou e aprofundou os debates. Temas congelados na Igreja Católica foram sendo cada vez mais questionados, mas num espaço eclesiástico conservador. Entretanto, a chegada de Francisco contribuiu com um novo clima de liberdade no pensar e no agir. Para mim, Emaús tem sido um momento de abrir perspectivas e rever posições. Companheiros de outras Igrejas cristãs, presentes, aliás, desde o começo do grupo, fortaleciam nosso ecumenismo.

O momento de “cosa nostra” nas noites é um espaço para acompanhar experiências pessoais do grupo. A dimensão de espiritualidade tem sido sempre enriquecedora, especialmente nas celebrações do domingo pela manhã. Companheiros com agendas carregadas abrem espaço para faltar o menos possível aos encontros. São momentos de crescer na Fé, alimentar a Esperança e reafirmar um firme compromisso social e eclesial.



Luiz Alberto Gómez de Souza. (*in memoriam*). Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, pós-graduado em Ciência Política, doutor em Sociologia. Autor de mais de cem artigos em revistas brasileiras e internacionais e colaborador e organizador de vários livros.

Foi membro da equipe de assessores do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social (IBRADES), percorreu o Brasil dando cursos de formação a militantes de base e agentes de pastoral, muitas vezes fazendo dupla com o Pe. J. B. Libânio. Por muito tempo foi convidado a dar cursos e palestras a Movimentos sociais, Pastorais, Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – e para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Também atuou em outros Países, especialmente da América Latina, seja como técnico da CEPAL e como executivo da FAO, seja como assessor convidado por ONGs ou organismos das Igrejas cristãs. Até recentemente dirigiu o Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro.

Em 2018 recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, de Belo Horizonte, por sua relevante contribuição no campo do pensamento cristão.

Sua vida pode ser definida pelo título de seu livro de memórias, publicado em 2015: “Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade”. Intelectual



no sentido clássico de erudição, criatividade e notável capacidade de expressão, Luiz Alberto foi intelectual também no sentido gramsciano: pessoa capaz de ler o implícito no real e explicita-lo, para assim apontar os rumos mais adequados à ação transformadora.

Memórias de minha participação no grupo Emaús

Pedro A. Ribeiro de Oliveira

Doutor em Sociologia pela Universidade Católica de Louvain
e membro de Iser - Assessoria e da Coordenação do
Movimento Nacional Fé e Política

APRESENTAÇÃO

Se todo ponto de vista é a vista de um ponto, convém explicitar de onde brotam essas memórias. Nascido e criado numa família rica e firmemente católica, até os 14 anos de idade eu estava convencido de ter sido a Igreja católica fundada por Jesus Cristo para salvar o mundo pela prática dos sacramentos. Naquele final da década de 1950 eu lia nos jornais e ouvia falar de muitas mudanças no mundo e no Brasil que se modernizava pela industrialização e pela urbanização, introduzia a arquitetura moderna e inventava a bossa-nova, enquanto as Reformas de Base entravam na pauta do dia dos debates políticos. Nada disso, porém, parecia afetar a Igreja: sempre a mesma, que só se importa-

va com essas novidades para combater o comunismo ateu. Aprendi que devia desconfiar de qualquer proposta de mudança social ou política que tivesse apoio de comunistas, porque eles queriam acabar com o cristianismo e impor um totalitarismo ateu. Embora muito simplificada, esta era minha visão de mundo ao deixar a infância e começar a me entender por jovem.

Ainda não tinha completado 15 anos de idade quando fui convidado a participar da JEC – Juventude Estudantil Católica – e entrei num grupo de jovens que se propunha a fazer uma revolução a partir do Evangelho. Frades dominicanos abertos à moderna teologia europeia e influenciados pelo movimento de origem francesa “Economia e Humanismo” nos traziam novas categorias de pensamento para entender o momento que vivíamos na adolescência, quando estávamos a descobrir a sexualidade, a política, o cinema, a ciência, o movimento estudantil e tantas outras novidades. Em vez de situar nossos problemas em termos de céu e inferno, nos incentivavam a buscar no Evangelho ensinamentos para uma vida mais humana na Terra. O foco da existência não seria mais a obsessão em não pecar contra a castidade e passava a ser seguir o Evangelho para tornar o mundo mais humano. A missão primeira do militante de JEC era motivar os colegas para a tarefa de humanizar o colégio e a sociedade. Essa ideia-força da JEC abriu um novo horizonte para minha vida.

Entre as muitas atividades incentivadas pela JEC, entrei para a equipe de direção local e participava regularmente da coordenação regional, em Belo Horizonte. Ao mudar-me para o Rio, onde fui estudar sociologia, logo entrei para a JUC e em pouco tempo estava na equipe de direção. Isso me pôs em contato

com outros e outras jovens que também dedicavam suas vidas para aquilo que então chamávamos a *revolução brasileira*: uma revolução radical – como a cubana – mas sem a rigidez marxista-leninista. Era o tempo da *conscientização* e da cultura popular e acreditávamos que o crescimento da consciência política do povo o levaria ao poder, passando pelas *Reformas de Base* e construindo um novo socialismo onde a democracia seria pra valer. A firme crença no Evangelho que me fazia ver Jesus presente na pessoa do pobre (Mt. 25, 35-40) era a garantia de viabilidade desse projeto cujos passos eram avaliados em cada reunião da equipe de JUC pelo método “ver, julgar e agir”.

É claro que muitas dúvidas vinham à minha cabeça: não seria ingenuidade continuar a crer no Evangelho quando meus estudos e a própria realidade social e política do momento pareciam contradizê-lo? Como permanecer na Igreja se seus representantes oficiais pareciam estar tão longe do Evangelho? Felizmente, nessa época havia padres afinados com o mundo contemporâneo, como Fr. Eliseu Lopes, então morando no Rio, e antigos membros da JUC que levaram sua militância para a vida profissional (como Betinho e Luiz Alberto Souza), que eram uma referência teológica e filosófica para a gente mais nova. Apoiado neles, aquelas dúvidas se resolviam: ver no Evangelho a revelação do sentido da história e da vida, e entender que todos somos Igreja – e não apenas seus ministros ordenados.

Conto tudo isso para dizer que, no que se refere à relação entre Igreja e Sociedade, a JEC, a JUC e outros movimentos de Ação Católica se anteciparam aos ensinamentos de João XXIII e ao Concílio Vaticano II: ele foi recebido pela minha geração antes como confirma-

ção de nossa prática cristã – até então na contramão do ensinamento oficial – do que como novidade teológica. Por isso o desmantelamento da Ação Católica pela CNBB, em 1966, foi para mim uma grande decepção: apesar do Concílio ecumênico, a Igreja do Brasil continuava autoritária e conservadora, sem espaço para leigos e leigas adultas na fé.

Em 1975 eu trabalhava no CERIS – centro de pesquisas sociorreligiosas ligado à CNBB – e isso me punha em contato com vários setores da Igreja, inclusive quem corajosamente se opunha à repressão e defendia os Direitos Humanos. Ouvia falar de CEBs, mas tal como Natanael (Jo. 1, 46) eu me perguntava se “algo de bom pode vir da Igreja”. Foi nesse momento que fui convidado para uma reunião em Petrópolis. Aí começam minhas memórias.

A SURPREENDENTE NOVIDADE

Uma tarde fui procurado pelo Ivo – de quem fui contemporâneo nos tempos de JEC, mas que eu pouco conhecia – que em nome do Betto – este sim, amigo desde os encontros regionais de JEC em Belo Horizonte – veio me convidar para uma reunião no final de semana em Petrópolis. Sem mais detalhes, dizia que era para estudar a “realidade brasileira”, como se dizia naquele tempo. Estavam precisando de um sociólogo e Leonardo Boff, que me conhecia de reuniões do Instituto Nacional de Pastoral, indicou meu nome. Por consideração aos que me convidavam, aceitei imediatamente o convite e recebi a tarefa de preparar alguma coisa sobre as classes “marginais”. Como na época eu fazia uma pesquisa sobre prostituição, entendi que o grupo queria entender a marginalidade no sentido cul-

tural. Preparei um pequeno texto e fui.

Ao chegar ao Colégio Madre Regina, na fria manhã de sábado (era abril ou maio), encontrei um grupo muito receptivo. Lembro bem daqueles que já conhecia: Betto, Fernando, Ivo, Leonardo, Libânio. Só homens, quase todos padres ou religiosos, e o pastor Paulo Ayres. O grupo não chegava a 15 pessoas e para todos os efeitos estava reunido para preparar um número especial sobre catequese para a Revista Vozes (que nunca foi escrito, para decepção do Cecchin). Na realidade, tratava-se de aprendermos a fazer *análise de classes* tendo como modelo o famoso texto de Mao Tsé Tung (que eu nunca tinha lido). É óbvio que minha análise sociológica da prostituição ficou inteiramente deslocada. Era uma surpresa encontrar gente de igreja católica ou evangélica que manejava (mal, como vim a perceber mais tarde) as categorias marxistas. Diante da minha surpresa, Betto me chamou à parte e explicou: “sociedade sem classes é o que chamamos Reino de Deus, só que ele tem a vantagem de ir além da história”. Recomendou que eu lesse os *Conceitos elementares do materialismo histórico*, de Martha Harnecker, para entender o que eles estavam falando. E lá vieram mais surpresas.

De vez em quando, após alguma fala mais ousada, alguém lembrava o Eliseu, cujo “heresiômetro” assinava a que grau a fala havia chegado. Aí dava-se uma boa risada e a reflexão seguia... Outra surpresa foi descobrir a leitura popular da Bíblia, com o Mesters. Atrás daquela simplicidade de pessoa, um poço de sabedoria embebida da Palavra de Deus. A surpresa maior, contudo, foi a celebração no domingo de manhã, no alto do morro. Lembro bem Orestes Stragliotto, ao co-

mentar Atos (4, 8-20), dizendo que era o Cristo - e não alguma autoridade eclesiástica - que nos reunia ali. A celebração era feita com muita liberdade, mas eu não pensava que pudesse ser convidado pelo Leonardo para “puxar” a memória da fala de Jesus dizendo “isto é meu corpo, isto é meu sangue”. A partir daquele momento, passou a correr em meu corpo o sangue daqueles mártires, profetas e doutores com quem partilhei a Eucaristia. Voltei para casa, no Rio, transfigurado, sem ter entendido bem o que tinha vivenciado naquele curto final de semana. E o pior é que não podia contar para ninguém, pois era só uma reunião preparatória para o número da Vozes sobre catequese...

CAPACIDADE DE ARTICULAÇÃO

A partir da reunião do 2º semestre de 1975 comecei a descobrir a capacidade de articulação daquele grupo. Tudo sob grande sigilo, disciplinadamente chegávamos ao Madre Regina e encontrávamos a salinha de reunião. Lembro-me que eram 16 mesinhas com cadeiras, formando um quadrado. Normalmente todas ficavam ocupadas, mas algumas vezes faltava lugar e tínhamos que buscar cadeiras avulsas. Ou seja, o grupo devia ter entre 15 e 20 pessoas. Mas como era eficiente! De fato, não só nos entendíamos bem como atuávamos de modo coerente uns com os outros. Na parte final da reunião definíamos quais eram as prioridades para a ação, e todos devíamos segui-las. Paulo Ayres, por exemplo, certa vez definiu a linha de ação dizendo “nossa palavra de ordem deve ser ‘Liberdades democráticas’”. Eu tinha a impressão de ouvir um membro do *partidão*. Ao sair da reunião, levávamos um programa de ação. O melhor deles talvez tenha sido o formu-

lado por Luiz Alberto, em 1981, planejando o que fazer durante a visita de João Paulo II ao Brasil: “antes do papa chegar, fingir de morto; quando chegar, passar imediatamente para a imprensa nossa interpretação do discurso; quando ele sair, gritar ‘o papa é nosso!’”. Assim ganhamos a hermenêutica da primeira visita do papa ao Brasil.

Nesse papel de articulação estratégica da Igreja da Libertação o grande destaque foi o Betto. Com impressionante senso de oportunidade, ele percebia o momento certo para a ação. Acho que ele tem sido o principal propositor de ações do grupo. Nem sempre todos concordávamos, mas na minha opinião ele era quem mais acertava. Além disso, sua capacidade de convencer os companheiros é sem igual. Lembro a primeira reunião da Ampliada de CEBs em preparação ao Encontro Intereclesial de Santa Maria, provavelmente no início de 1990. D. Ivo Lorscheiter tinha mandado um padre representar a diocese, e sua primeira intervenção nos deixou arrepiados. Dizia que o Intereclesial teria a marca mariana, por realizar-se no santuário de N. Sra. Medianeira de Todas as Graças. Isso logo após o encontro de Caxias, na Baixada Fluminense, onde se firmou seu caráter ecumênico! Naquela mesma noite, D. Luís Fernandes telefonou para D. Ivo e sugeriu que ele tivesse um assessor especial para o Intereclesial. Betto falou com Cecchin, que não poderia assumir essa função, mas indicou o então frei Egidio Fiorotti. Coube-me a tarefa de escrever ao Egidio dizendo o que ele deveria fazer. E assim o 8º Intereclesial entrou na mesma linha do anterior, avançando em direção ao macroecumenismo.

Essa capacidade de articulação tinha por bases a

cuidadosa análise de conjuntura feita a partir de nossas diferentes inserções na realidade social e eclesial, bem como a confiança que o grupo inspirava em quem convidasse algum de seus membros para uma assessoria. D. Luís Fernandes certa vez referiu-se ao grupo chamando-o de “báfia”, porque era “igualzinho à máfia, só que para o bem”. Giancarlo Oliveri, o extraordinário agente de pastoral do Mato Grosso do Sul, sempre me perguntava quais as orientações “do comitê central da Igreja popular” para o momento... Certamente o fato de não termos qualquer pretensão de poder nem na Igreja nem na política inspirava em nossos interlocutores e interlocutoras uma grande confiança. Éramos, com certeza, um grupo de serviço à Igreja da Libertação.

CRISE DE PARADIGMA

Ao longo dos anos 1980, o grupo ampliou-se e diversificou-se. Veio a participação de mulheres, reivindicação da Zeca, que entrou pouco depois de mim, a pedido do Clodovis, que a conheceu no Acre. Maior participação de leigos, como Luiz Eduardo, Luiz Alberto, Lúcia e Teresa Cavalcanti. Ampliou-se com a vinda do Ernanne, que trazia o Nordeste e a CNBB no coração e na prática pastoral. O espaço do Colégio Madre Tereza já não estava tão disponível e era pequeno. Tivemos que nos reunir em diferentes lugares, inclusive em São Paulo. O grupo cresceu e não era mais possível manter aquela sintonia de pensamento do início, mesmo porque a abertura política e o fechamento eclesial católico mudaram nossos campos de ação. No caso da política partidária, alguns como Ivo, Jether e eu optamos decididamente pelo PT, mas nem todos

acompanharam essa opção. Também a opção pelo socialismo e o uso da análise de classes deixaram de ser consensuais. Dois exemplos ilustram bem essa diversificação do grupo: o curso para os bispos e as relações com governos socialistas.

Em 1979 os bispos “da Libertação” vieram pedir ao CESEEP um curso de marxismo. Alegavam que eram chamados de marxistas e não tinham como se defender por desconhecerem o que realmente é essa teoria. Foi montado um curso intensivo, com diferentes temas, cada um trabalhado por alguma pessoa bem qualificada e vários membros do grupo participando para ajudar os bispos em suas dúvidas. Acho que nunca mais participei de curso tão bem feito. Até hoje guardo suas apostilas em espanhol... Depois do primeiro ano, o curso tinha duas partes: fundamentos básicos para os novatos e temas de aprofundamento para todos. Esse formato deve ter durado uns 5 anos. Depois foi suprimida a parte de fundamentos e ficou só a parte de temas de conjuntura, porque já não havia mais interesse em estudar o marxismo. Já estava no horizonte a crise do socialismo. As viagens de contato com governos socialistas puxadas pelo Betto dividiam as opiniões do grupo: a maioria via nelas um serviço ao futuro do socialismo, mas já havia quem colocasse em dúvida se estávamos no caminho do futuro ou do passado... As derrotas do socialismo soviético, do Lula e da Revolução Sandinista, tudo isso quase num único ano, afetaram profundamente o nosso grupo. O tempo da *análise de classes* e do paradigma marxista ficou pra trás.

A quebra daquele consenso sobre o paradigma marxista, que tanto havia me surpreendido em 1975, acarretou a quebra do consenso sobre as orien-

tações para a ação do grupo. Continuávamos a fazer análises de conjuntura, mas delas não saíam mais diretrizes comuns para nossa ação na Igreja ou nas lutas sociais e políticas. Isso trouxe, é claro, uma crise para o grupo.

CRISE, QUASE MORTE E RESSURREIÇÃO

O primeiro sintoma da crise foi a irregularidade da participação nos encontros. Desde o início foi usual alguém deixar de participar de uma ou outra reunião, bem como depois de participar de uma ou duas reuniões deixar o grupo sem dar explicações. Foi este o caso do Rubem Alves, por exemplo. Mas, na virada dos anos 80 para os 90, as reuniões sofreram muitos desfalques de participação. Oscar praticamente assumiu a coordenação do grupo e promoveu algumas reuniões em São Paulo para favorecer a participação dos membros de lá, mas não resolveu: salvo Betto, Cecchin e Orestes, que nunca faltavam, muitos passaram a ir a uma reunião e faltar a seguinte. Para mim, que deixava mulher e três filhas em casa no fim de semana, era frustrante fazer esse sacrifício para encontrar um grupinho de grandes amigos, é verdade, mas pouco eficiente em termos de ação na Igreja e na política.

Além disso, naquele mesmo ano de 1989 nascia o *Movimento Fé e Política*. Betto, Leonardo, Márcia, Ivo, Clodovis e eu apostamos naquele novo espaço de atuação e a ele dedicamos nosso tempo e esforço. Isso contribuía para diminuir a importância do *Grupo de Corrêas*, como era chamado na época, por se reunir habitualmente na Casa Santo Inácio. Os laços de amizade entre nós continuavam fortes, mas o grupo enquanto tal já não cumpria mais a função de alimentar

minha militância política e eclesial. Foi nesse contexto que pensei em combinar a reunião do 2º semestre de 93 com a celebração de meus 50 anos, em Juiz de Fora, onde eu já estava morando. Foi uma bela celebração, que para mim representou a despedida do grupo.

Não sei se houve reunião no 1º semestre de 94, mas sei que Marcelo também resolveu convidar o grupo para celebrar os 50 anos dele no Mosteiro da Anunciação em Goiás. Ali, após a leitura do evangelho de Lucas 24, o grupo ressuscitou por insistência dele e do Oscar, adotando o nome de *Grupo de Emaús*. Retomamos as reuniões semestrais, desde então sempre em Corrêas, sob a coordenação do Libânio. Deixamos para trás a pretensão de articular qualquer coisa na Igreja ou na política: as reuniões passaram a ser momentos de troca de ideias, afetos e projetos sem obrigação de nos alinharmos todos em torno a uma proposta comum.

“NA VELHICE DARÁ FRUTOS”

Termino minhas memórias lembrando esse versículo do salmo 92 (91). *O grupo de Emaús* envelheceu. Enquanto no Madre Regina aproveitávamos o intervalo do almoço para jogar vôlei com as irmãs, agora poucos são os que se arriscam a nadar na piscina... É só olhar as fotos e ver que o tempo deixou sua marca e que nas fotos recentes está faltando gente.

Orestes foi o primeiro a nos deixar. Era o eficiente “empresário” da Igreja da Libertação: recrutava religiosas, padres e agentes de pastoral no Sul, dava-lhes uma formação caprichada, os enviava para regiões carentes e depois de uma visita no local de trabalho, oferecia-lhes um curso de atualização. Dele recebi um

dos melhores elogios de minha vida: como Natanael, eu seria um “israelita verdadeiro, sem falsidades”. Só olhos muito amigos enxergariam isso... Depois foi a vez do Milton Schwantes, apaixonado pela Bíblia e pela Rosi (não sei qual a ordem certa). Profundamente ecumênico, para ele só contava o Povo de Deus e não as instituições eclesásticas. Bem-humorado, para mexer com os católicos comentou o livro de Ageu dizendo que ia “usar uma Bíblia boa, sem enxertos...” Enfim, foi-se, sem dar aviso prévio, o Libânio, levando o sorriso que sempre acompanhava suas falas quando beiravam a heresia, embora formuladas do modo mais ortodoxo possível. Só na sauna ou durante as viagens de volta pra Minas ele falava solto, sem se preocupar com a formulação correta. Mas sempre com o sorriso que nos alertava para o funcionamento do antigo “heresiômetro”. Já Jether deu o aviso prévio, mas felizmente continua conosco mesmo não podendo mais participar das reuniões. Desde a primeira reunião que eu fui, ele sempre foi o garantidor do ecumenismo e da fidelidade aos setores empobrecidos, mesmo correndo o risco de cair num basismo de causar arrepios no Ivo e em mim.

Enquanto não chega nossa vez de “furar a fila”, como diz o Cecchin, que sendo o mais velho se acha no direito de ser o próximo a receber o merecido repouso, o *Grupo de Emaús* segue dando frutos. Não mais atuando diretamente, mas ajudando cada um e cada uma de nós a enxergar mais lucidamente a realidade em que vivemos e nela apontar os sinais que alimentam a Esperança do Reinado de Deus.

Por isso, só podemos dar graças a esse Mistério Amoroso que nos reuniu para ser sinal de “outra Igreja



possível” no mundo de hoje. Uma Igreja livre de amarras institucionais e obediente unicamente à Palavra de Deus, uma Igreja sem receio de cometer heresias para ser realmente espiritual, uma Igreja fiel às causas dos povos e classes oprimidas.



Pedro A. Ribeiro de Oliveira. Possui graduação em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965), mestrado em Sociologia - Universidade Católica de Louvaina (1967) e doutorado em Sociologia - Universidade Católica de Louvaina (1979).

Até 2013 foi Professor adjunto III no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Catolicismo Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: comunidades de base - cebs, igreja, catolicismo, fé e política e consciência planetária.

Foi primeiro secretário da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER - para o mandato 2010 a 2011. É membro de Iser-Assessoria e da Coordenação do Movimento Nacional Fé e Política.

O que lembro do início do Grupo Emaús

Frei Carlos Mesters

Doutor Honoris Causa pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores - ITESP e membro fundador do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI

Minha memória não é das melhores. Muitas das coisas que aconteceram nos anos 70, já não dou conta de guardá-las. Elas se perderam nas curvas do passado que já se foi. Por isso, as pessoas do grupo Emaús que viveram os mesmos fatos poderão esclarecer e corrigir alguma falha ou esquecimento.

Li o que frei Betto escreveu e gostei. Vou dando continuidade. A convite do frei Betto, participei do grupo desde o começo, no começo dos anos 70. Eu vinha de Belo Horizonte. O encontro era em Petrópolis, na casa das irmãs de Santa Catarina. Éramos um bom grupo. Lembro que participavam frei Betto, Ivo, Fer-

nando, Jether, Orestes, Cecchin, Eliseu, Libânio. Nosso frei Cláudio também participou algumas vezes. Havia também vários pastores evangélicos, dos quais não lembro mais os nomes.

O que lembro é que o grupo não se chamava Emaús. Ele não tinha nome, nem devia ter. Alguns o chamavam de “grupo zero”, grupo que não existia. Era por causa da possibilidade de os *dedos duros* poderem descobrir e denunciar a sua existência. Era a época da ditadura, com forte repressão da parte dos militares.

Tínhamos um encontro duas vezes ao ano. Eu vinha e participava com gosto. Aprendi muito. Mas, desde o começo, tive uma certa dificuldade para acompanhar as reflexões. Eu não sabia definir bem essa dificuldade. Lembro que certa vez tentei explicá-la para Orestes: “Orestes, a impressão que tenho é que nestas nossas reuniões, todos estamos olhando para os mesmos fatos e comentando os mesmos assuntos, mas acho que nem todos estamos olhando pela mesma janela. Ao menos, é como se eu estivesse olhando por uma janela diferente da janela de vocês. Tem algo que não consigo captar.” Mais tarde, em conversa com Ivo, comecei a entender um pouco melhor essa dificuldade. É que eu, no período da minha formação filosófica, não cheguei a receber uma boa visão crítica da realidade que vivíamos no Brasil naquele tempo. Nas conversas lá em Petrópolis, alguém me recomendou o livro de Marta Harnecker (acho que este era o nome). Li o livro e, para dizer a verdade, não gostei muito. Senti como uma imposição, forçando-me a ver as coisas como ela as apresentava. Deve ter sido um defeito meu e também da didática da autora, e não do marxismo que ela trata no livro. Por mais que eu quisesse e sem

saber bem o porquê, eu não conseguia aceitar a visão que ela apresentava das coisas. Depois percebi que eu não era o único a ter esta dificuldade com o livro dela. Mas tudo isto não afetou em nada a minha amizade e a participação no grupo. Pelo contrário. Era até um motivo para eu participar com mais gosto, para aprender a avaliar a realidade do Brasil com mais clareza e objetividade. E digo que aprendi muito através das reflexões e análises, partilhas e conversas.

A partir das reflexões feitas no grupo, muitas iniciativas novas foram surgindo nas várias das nossas igrejas, ou foram sendo estimuladas a partir das reflexões e das sugestões deste “grupo zero”. Lembro as seguintes iniciativas que assim nasceram: os Encontros Intereclesiais das Comunidades de Base, o CESEP, os Cursos de Verão, e o CEBI, que este ano vai completar 40 anos.

Sim, o que mais me lembro é a respeito da fundação do CEBI, que também nasceu aí. Nos encontros do grupo, naqueles anos 70, anos difíceis, percebeu-se como a leitura da Bíblia feitas nas comunidades era uma força a sustentar o povo na sua caminhada, na sua resistência e na sua consciência crítica frente ao sistema. Nos encontros do pessoal do CIMI, da CPT e da CPO (os novos instrumentos ecumênicos de pastoral, nascidos também naquele mesmo período), era evidente a força que representava a leitura popular da Bíblia para manter no povo a esperança e a vontade de caminhar.

Lembro que, nas nossas reflexões a respeito deste fenômeno da leitura popular da Bíblia, nós nos demos conta de que se tratava de algo muito importante que devia ser analisado e aprofundado, legitimado e incre-

mentado, partilhado e divulgado no meio do povo das Comunidades. Chegou-se à conclusão de que era necessário criar um instrumento, um grupo, um centro ecumênico, para realizar este objetivo e, assim, contribuir para que a Palavra de Deus pudesse alargar, aprofundar e irradiar a sua ação libertadora no meio do povo. Foi sugerido até nome CEBI: Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos.

Disseram para mim: “Você deve ajudar nisto!” Acho que foi por causa dos livrinhos que eu tinha escrito sobre vários assuntos da Bíblia e sobretudo por causa dos círculos bíblicos que cresciam em número em todo canto. Perguntei: “Como é que a gente faz?” Entre as várias sugestões, lembro aquela que veio do pastor Jether. Ele disse: “Você deve organizar cursos em três níveis: cursos de um mês em nível nacional; cursos de duas semanas em nível regional e cursos de um fim de semana em nível local.” Foi dito também que, junto com o aprofundamento da Bíblia, é muito importante ter uma visão crítica da realidade. É para evitar uma leitura ingênua da Bíblia. Visto que eu não tinha muita facilidade neste ponto, frei Betto e os outros ficaram de ajudar. E eles o fizeram e continuam fazendo.

Onde criar este centro? Em que lugar? Várias sugestões. Uma delas era que devia ser num lugar central com muita possibilidade de irradiação. Sugeriu-se o centro das irmãs Cônegas de Santo Agostinho, em São Paulo, onde trabalhava a irmã Cristina (acho que este era o nome). Jether e eu fomos para lá para ver as possibilidades. Fomos até pela ponte aérea Rio - São Paulo. Depois de termos estado lá, depois de muitas conversas e de termos examinado tudo, Jether falou assim: “Não acho que este centro é o lugar ideal. É

complexo demais! Não é perto do povo das periferias e da roça que participa das Comunidades. Deve ser um lugar mais simples. É melhor ser em Angra dos Reis, naquele convento velho de vocês de 400 anos, onde o povo se sente à vontade.” Angra fazia parte da Diocese de Volta Redonda, onde o bispo dom Waldyr Calheiros era muito engajado na caminhada das Comunidades. E assim foi feito. Bispo Ayres, do Rio, ofereceu o pastor Iranildes para ser o secretário do CEBI. E no mês de junho de 1978, pastor Iranildes e eu, num quartinho do velho convento lá de Angra, iniciamos o CEBI. Iranildes não sabia como fazer, nem eu. Rezamos juntos o Salmo 146 e um Pai Nosso. O que tínhamos era uma máquina de escrever e muita boa vontade. Mas começamos e rezamos juntos.

Acho que a escolha do Salmo 146 foi muito significativa. Pois neste salmo se diz: *“Feliz quem se apoia no Deus de Jacó, quem coloca sua esperança em Yahweh seu Deus. Foi ele quem fez o céu e a terra, o mar e tudo o que nele existe. Ele mantém sua fidelidade para sempre, fazendo justiça aos oprimidos, e dando pão aos famintos. Yahweh liberta os prisioneiros. Yahweh abre os olhos dos cegos. Yahweh endireita os encurvados. Yahweh ama os justos. Yahweh protege os estrangeiros, sustenta o órfão e a viúva, mas transtorna o caminho dos injustos. Yahweh reina para sempre. O teu Deus, ó Sião, reina de geração em geração! Aleluia!”*

É o Espírito deste Deus que nos motivou e até hoje nos orienta a todos nós no CEBI: um Deus que, como diz o salmo, faz justiça aos oprimidos, dá pão aos famintos, liberta os prisioneiros, abre os olhos dos cegos, endireita os encurvados, ama os justos, protege os estrangeiros e sustenta o órfão e a viúva. São as Oito Bem-aventuranças do Antigo Testamento!

No dia 20 de julho de 1978, festa do profeta Elias, foi realizada a solene fundação oficial do CEBI numa celebração ecumênica lá em Angra dos Reis, na qual participaram muitos membros do grupo de Petrópolis, muitos cristãos, homens e mulheres, sacerdotes e pastores das várias igrejas. Participaram os bispos Dom Waldyr, Dom Vital, Dom Paulo Ayres e Dom Luís, que veio lá de Vitória no Espírito Santo para estar presente na celebração. Foi feito o registro do CEBI como entidade civil sem fins lucrativos com vários sócios fundadores. Neste ponto Jether foi de muita ajuda naqueles primeiros anos do funcionamento do CEBI.

Nos arquivos do CEBI encontrei esta informação a respeito dos dez motivos que levaram o grupo de Petrópolis a insistir na criação do CEBI: O CEBI nasceu: 1 - *para aprofundar e consolidar o jeito do povo ler a Bíblia em comunidade dentro da realidade*; 2 - *para espalhar e divulgar o máximo possível este tipo de leitura, sobretudo entre os pobres*; 3 - *para devolver ao povo o que é do povo e que nasceu do povo para o povo, a saber, a Palavra de Deus*; 4 - *para articular e organizar esta prática da leitura orante da Bíblia, feita em comunidade*; 5 - *para eliminar a dependência dos doutores clericais, que gera insegurança e ignorância no povo*; 6 - *para fazer do estudo e da ciência bíblica um serviço e não um instrumento de domínio*; 7 - *para ajudar as pessoas, para que, com a ajuda da Bíblia, descubram a Palavra de Deus na vida do povo*; 8 - *para colocar-se a serviço das igrejas cristãs e do movimento popular*; 9 - *para contribuir para uma nova consciência de cidadania e para criar uma Nova Sociedade*; 10 - *para realizar a missão de Jesus: "Eu vim para que todos e todas tenham vida, e a tenham em abundância!"* Eu gostei desta motivação inicial que continua presente no CEBI e que sempre renasce quando ameaça desaparecer atrás de outras motivações.

Lembro que o primeiro curso em nível nacional de quatro semanas foi realizado em Angra dos Reis com a participação de vinte pessoas vindas do Brasil inteiro. Os primeiros dois cursos regionais de duas semanas foram realizados em Volta Redonda e em João Pessoa. A partir deste seu nascimento no “grupo zero”, o CEBI foi crescendo pelo Brasil e por vários outros países da América Latina, da África e da Europa.

Tudo isto mostra que o CEBI já existia antes de nascer, pois antes da celebração da sua fundação oficial no dia 20 de julho de 1979, já existia a leitura popular da Bíblia que vinha de longa data, desde os tempos da ditadura militar dos anos 60. O CEBI como instrumento de serviço surgiu e foi criado, como dizia o grupo de Petrópolis: *“para que a leitura popular da Bíblia se aprofunde, se articule e se espalhe cada vez mais”*.

Termino com esta afirmação, feita em 1999, pelos participantes na celebração dos vinte anos do CEBI em Caruaru, Pernambuco: *“Esta semente da leitura popular da Bíblia, feita em comunidade dentro da realidade, espalhou-se e cresceu. Todos nós crescemos e aprendemos uns dos outros! Foi uma escola de vinte anos em que todos e todas fomos discípulos e discípulas, mestres e mestras, uns dos outros. Dois pontos merecem destaque: a leitura da Palavra de Deus a partir da cultura dos oprimidos, sobretudo dos negros e dos índios, e a leitura da Palavra de Deus feita pelas mulheres a partir da sua condição de mulher com olhos de mulher. A leitura de gênero está enriquecendo a caminhada do CEBI de uma maneira nova”*.

Muitas outras coisas bonitas aconteceram naquele remoto início do “grupo zero”, que estão gravadas na memória do Espírito Santo. E Jesus nos prometeu que o Espírito Santos nos fará lembrar todas as coisas que



ele, Jesus, nos ensinou (Jo 14,26). E ele está realizando a promessa que fez.



Frei Carlos Mesters. Coursou Filosofia em São Paulo e Teologia em Roma, no Colégio Internacional Santo Alberto. Formou-se em teologia no “Angelicum” (Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino) e em Ciências Bíblicas no Institutum Biblicum, em Roma e na École Biblique de Jerusalém. Sacerdote desde 1957, doutor em Teologia Bíblica, é um dos principais exegetas bíblicos do método histórico-crítico no Brasil. Doutor Honoris Causa, pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores, ITESP.

É membro fundador do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, que tem como objetivo de difundir a leitura da Bíblia nos meios populares através do método criado por Mesters, conhecido como triângulo hermenêutico, com três vértices em permanente interação: a realidade da pessoa, a realidade da comunidade e a realidade da sociedade.



Carta de Júlio de Santana

Julio de Santana

Teólogo uruguaio, doutor em Ciências da Religião
e ex-Secretário Geral do Movimento Igreja
e Sociedade na América Latina

Caros Irmãos/Irmãs, Companheiros e Companheiras, Amigos e Amigas:

Nossa relação com o grupo Emaús (refiro-me àquela que Violaine e eu temos desenvolvido) começou no final dos anos 1970 e continuou até os anos 1980. São vários os processos que, pouco a pouco, contribuíram para que a comunidade de Emaús se tornasse importante para nós. De um lado, a amizade e companheirismo com alguns membros do grupo, não podemos deixar de mencionar aqueles que nos convidaram para participar de atividades relacionadas a Emaús: a influência de Jether, Luiz Eduardo Wanderley, Betto,

Luis Alberto; de outro lado, a participação na resistência contra as ditaduras militares que caracterizaram a América Latina entre 1962 e 1980.

Lembro-me da vez que conheci o Betto, ele me deu seu livro *Oração na Ação*; foi na casa de Jaime Wright. Betto foi libertado da prisão. Além disso, uma forma de crer, de viver a nossa fé comum: entre os evangélicos, estávamos muito atentos ao serviço e empenho de Richard Shaull, enquanto os católicos que faziam parte de Emaús se referiam ao Concílio Vaticano II. Também devemos levar em conta a decisão de fundar o CESEP, que para nós (Violaine e Julio) é um processo fundamental em nossas vidas. Em 1983, iniciamos esta jornada comum com Beozzo, Zeca, Leonardo, Cecchin, Orestes, Marcelo, Libanio, Pedrinho, Manfredo, Zwinglio... A amizade e a relação fraterna com Beozzo tiveram, na comunhão existente no EMAUS, um contexto que nós valorizamos muito. Quando Violaine conheceu dom Pedro Casaldáliga, ele lhe disse: caminhamos juntos há tanto tempo e, no entanto, é a primeira vez que nos encontramos. Acreditamos que este breve diálogo é uma ilustração do que queremos expressar.

Nossa existência foi enriquecida pelos encontros em Corrêas e em outros lugares. No sentido de dar conta da fé que nos move, os encontros de Emaús ajudaram a discutir questões intimamente relacionadas à teologia da libertação: embora não façam parte do grupo, com Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Sergio Torres e outros que estão presentes em nossos pensamentos, no Emaús sempre houve um diálogo com eles.

Um fato fundamental de Emaús é sua relação com as CEBs, embora fosse mais apropriado falar de um acompanhamento do grupo à existência das Comuni-



dades, que vivenciam dilemas, questionamentos, surpresas, que colocam em jogo o próprio ser do grupo. Tendo isso em mente, entendemos que Emaús é comunidade, koinonia.

Um abraço,

Tradução: Susana Maria Rocca Larrosa



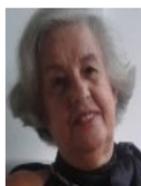
Julio de Santa Ana. Teólogo uruguaio, doutor em Ciências da Religião, ex-Secretário Geral do Movimento Igreja e Sociedade na América Latina, ex-Diretor da Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento, do Conselho Mundial de Igrejas; ex-Diretor do CESEP-SP e ex- Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP-SP.

Atualmente reside em Genebra. Autor de vários livros, entre eles *Ecumenismo e Libertação*, *a Igreja e o Desafio dos Pobres*, ambos publicados pela Editora Vozes. Colaborador permanente de *Tempo & Presença*.

Organizadores



Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).



Lúcia Ribeiro. Socióloga, trabalhou como pesquisadora, nas áreas de saúde, sexualidade, reprodução, migrações e religião; atualmente, vem investigando o processo do envelhecer. É consultora do ISER/Assessoria, membro do Conselho Editorial do Boletim REDE e assessora de movimentos sociais. Tem 5 livros publicados, entre os quais Masculino/Feminino: experiências vividas (2007) em parceria com Leonardo Boff. Publicou também numerosos artigos.



Tereza Pompéia. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966), graduação em Sciences Religieuses - Université Catholique de Louvain (1971), graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991). Atualmente é prestação de serviços do Centro de Estudos Bíblicos e assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: pastoral popular, bíblia, espiritualidade, mulher e comunidades eclesiais de base.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Éliada Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ïkue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini



- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati
- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey

 UNISINOS